

Pedro Silva Marra, Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG. Mestre pelo PPGCOM, UFMG, Belo Horizonte.

Comunicação Oral: Paisagens Sonoras de futebol – corpo e esporte no centro de Belo Horizonte.

Resumo: O Cartografias de Sentidos do Centro de Belo Horizonte insere-se em perspectiva recente, que procura entender os usos e apropriações do espaço central da capital mineira a partir da diversidade de estímulos sensoriais e cognitivos ali presentes, para então investigar a grande variedade de sentidos atribuídos de maneira individual ou compartilhada a estes espaços pelos habitantes da cidade. Trataremos das potências da escuta na compreensão das cidades, tanto no que diz respeito às experiências dos sujeitos que a utilizam, quanto à dinâmica dos fluxos que a atravessam. Neste trabalho, voltaremos a escuta para o que há entre cidade e futebol, buscando perceber não só a centralidade da região do hipercentro de Belo Horizonte nas práticas envolvidas com o esporte referido; mas também as formas como os corpos o experimentam onde existem poucos espaços para sua prática em si, trabalhando questões como a descontinuidade desta narrativa e da amplificação/redução de seu caráter massivo.

Seção Temática: ST 3 – Corpografias Urbanas

Paisagens Sonoras de futebol – corpo e esporte no centro de Belo Horizonte.

Apresentação:

O centro da cidade de Belo Horizonte ainda guarda a funcionalidade de articulador da vida social da capital mineira. A região concentra um comércio variado, que abrange atividades tão diversas quanto a venda de roupas (dos grandes magazines populares às lojas de grifes requintadas), instrumentos musicais, eletrodomésticos e eletro-eletrônicos, móveis, livros e discos (novos e usados) artigos de armarinho, elétrica e mecânica, bem como os camelôs e vendedores ambulantes, com sua enxurrada de bugigangas, produtos falsificados e ervas, temperos e gêneros alimentícios – é notório o cheiro de pequi das ruas da região nas proximidades da rodoviária da cidade na época da safra deste fruto, geralmente no meio do ano. Estão também presentes ali vários prédios da administração pública da cidade, inclusive a prefeitura, e um grande volume de veículos cruza a região diariamente – não só carros, mas uma grande maioria das linhas de ônibus da cidade cruzam o hipercentro em seu trajeto de ligar dois bairros localizados em regionais administrativas diferentes. Diariamente, passam por estas ruas aproximadamente 800 mil pessoas.

A região, durante a última década, passou por um grande número de intervenções, por parte do poder público, que, sob o pretexto de realizar sua revitalização, buscam introduzir novos usos para o espaço. Neste sentido, destaca-se a reforma da Praça da Estação, que levou para o prédio, sempre destinado ao embarque de passageiros do trem e do metrô, um museu e construiu na frente do mesmo prédio uma grande esplanada, onde a prefeitura municipal organiza eventos festivos, shows, comícios e abertura de eventos culturais. No entanto, a atividade esportiva continua ignorada como um possível uso do espaço pela população, por parte da prefeitura. Em nenhuma praça há espaço para a prática de esportes, e somente na área do Parque Municipal é possível encontrar quadras para a prática de tênis, futebol e basquete. Ainda assim, podemos perceber nos quarteirões fechados da praça Sete de Setembro usos não previstos do espaço que envolvem a atividade física do skate e a disputa de partidas de jogos de tabuleiro, como as damas, o xadrez e o gamão.

Neste contexto, parece difícil encontrar, dentro do espaço do hipercentro de Belo Horizonte lugares relacionados à prática de esportes coletivos de apelo popular, como o futebol. No entanto, um olhar um pouco mais atento poderá logo identificar a presença deste esporte nas ruas da região. Por um lado é de conhecimento da população da cidade que o prédio do Psiu, situado na praça Sete de Setembro – a repartição pública realiza a emissão de segunda via de documentos de identificação e boletos de taxas municipais, bem como articular o recebimento dos processos de pedido de seguro desemprego e registro de vagas de emprego na cidade – recebe, em

vésperas de grandes jogos dos principais times da cidade, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube, a venda de entradas para estas partidas. Além disso, o grupo Cartografias de Sentidos do Centro de Belo Horizonte, durante sua pesquisa de campo realizada entre os anos de 2003 e 2008, registrou outras formas do esporte bretão aparecer nas ruas do centro de Belo Horizonte – desde sua transmissão no rádio e tv, como também atividades relacionadas à sua prática não profissional. Neste trabalho, voltaremos nossa atenção para alguns destes fenômenos observados durante a pesquisa, objetivando dar ênfase a seus aspectos sonoros, uma das principais formas a que se tem acesso à esta prática esportiva em um espaço carente de estrutura para a sua disputa, e, por isso, carente de imagens do futebol.

O ritornelo e a Paisagem Sonora:

Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar “linhas de errância”, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes. (DELEUZE E GUATTARI, 1997:116-117)

Aqui e agora, a sonoridade de um espaço apresenta-se como ritornelo, uma constelação saturada de relações com dimensões sonoras. De forte caráter territorial, o ritornelo pode agir tanto criando um novo espaço, quanto delimitando fronteiras entre lugares diferentes, ou ainda descolar-se do chão, assumindo outras funções e lugares – “Forças do Caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo” (DELEUZE E GUATTARI, 1997:118). Como exemplo, os autores citam diversas formas de expressão sonora – cantos de pássaros, os modos musicais, pregões de anúncio na cidade, uma canção no rádio – enfim, material sonoro que ainda não se tornou música, mas passível de ser apropriado e de tornar-se música.

Eminentemente sonoro, mas não exclusivamente, o ritornelo comporta componentes gestuais e visuais, mas extrai sua força de desterritorialização e reterritorialização exatamente de sua componente auditiva e suas propriedades de mexer e agenciar um corpo – afinal, “o som nos invade, nos empurra, nos arrasta, nos atravessa. (...) Não se faz um povo se mexer com cores. As bandeiras nada podem sem trombetas, os lasers modulam-se a partir do som” (DELEUZE E GUATTARI, 1997:166). Este fato pode ser muito bem observado em um jogo de futebol: se a torcida motiva seu time do coração é pelos cantos, pelo ruído produzido pela massa e não pelas bandeiras gigantes hasteadas – a atenção do jogador deve voltar-se para o time adversário e para a bola em disputa. O desestímulo vem da vaia e as bandeiras hasteadas ao contrário são formas de protesto voltadas aos cartolas e não aos jogadores em campo. Por outro lado, tão importante

quanto jogadas de efeito para animar a torcida, são os sons, a princípio imperceptíveis, que a prática esportiva produz: o toque na bola, os jogadores do time do coração que gritam entre si para articular uma nova jogada, os jogadores adversários que articulam as estratégias de defesa, o apito do juiz marcando uma falta. O ritornelo, assim, aparece como uma forma de cristalização de espaço tempo que age sobre o que está em seu entorno para disso extrair não só novas vibrações, decomposições, projeções e transformações, mas também catalisar novas relações entre elementos que não necessariamente possuam uma afinidade direta, formando, no processo, novas formas de organização, novos aglomerados.

Se o ritornelo é uma cristalização espaço temporal, qual é a duração do ritornelo do futebol? Primeiro devemos estabelecer quantos ritornelos são possíveis de se escutar na prática do referido esporte. Pensamos nos sons produzidos pela torcida, pelo jogo em si, mas imaginamos também as transmissões radiofônicas e televisivas, o burburinho de pessoas no bar onde aficionados de um time se encontram para assistir partidas, ou as conversas paralelas na sala de televisão de um grupo de amigos que assiste ao jogo das eliminatórias. São diversas dimensões de uma mônada esportiva; que podem tanto ser tomadas de maneira separada, uma de cada vez, em ritornelos de torcida, de partidas, de jogadores, de transmissão; ou de maneira global, uma resultante dessas componentes em um ritornelo de futebol, que terá a duração de uma temporada esportiva, de um campeonato, de uma partida, de um lance ou de um gol. Estes fatos evidenciam que o ritornelo poderá ser tomado segundo múltiplas perspectivas, cada uma operando um recorte arbitrário, formando o que chamaremos a partir de agora de paisagem sonora.

A Paisagem Sonora é um conceito bastante utilizado contemporaneamente para o estudo do som situado em espaços. Criado e difundido por um grupo de pesquisadores e musicólogos canadenses, envolvidos no projeto de pesquisa *World Soundscape Project*, o termo se viu bastante envolvido na discussão da poluição sonora em espaços urbanos e é conceituado por Murray Schafer, um dos principais pesquisadores do grupo supra-citado, como “...qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos” (SCHAFER, 1997:366). Pode designar, desta forma, uma grande variedade de sonoridades, desde a presente em lugares reais, a construções sonoras abstratas, passando por gravações, sua edição e composições musicais tradicionais.

Contudo, buscamos nos afastar dessa perspectiva, em primeiro lugar devido à noção de escuta que a subjaz, calcada em uma busca por um *ouvido pensante*, capaz de escutar com atenção as paisagens sonoras a fim de identificar seus sons desejados e indesejados e nela intervir, a fim de solucionar o problema da poluição sonora, sempre a partir de uma audição que as escute como uma composição de Mozart¹. Para nós, a paisagem sonora não se caracteriza

¹ Uma revisão mais atenta e prolongada do conceito de Paisagem Sonora como cunhado por Murray Schafer pode ser encontrada no trabalho *Paisagens Sonoras do Comércio Popular: Uma Perspectiva para os Estudos dos Usos e Apropriações dos Espaços Urbanos*, de nossa autoria e apresentado no I Colóquio Internacional de Atividades e Afetos,

como um campo de estudos – este espaço é ocupado pelo ritornelo – mas como a ferramenta utilizada pelo pesquisador na tarefa de recortar e analisar os ritornelos presentes em um determinado espaço. Objetivamente, escutamos os territórios urbanos como ritornelos, e registramos esta experiência auditiva em paisagens sonoras – cadernos de campos, gravações de sons, imaginários e composições musicais, por exemplo. A paisagem sonora opera, desta forma como os panoramas, da forma como nos diz Walter Benjamin:

“estes vastos quadros circulares pintados em *trompe-loeil* e destinados a serem olhados a partir do centro da rotunda, representavam cenas de batalhas e vistas de cidades: *Vista de Paris, Evacuação de Toulon pelos ingleses, O acampamento de Bologna, Roma, Atenas, Jerusalém*. (...) A invenção decisiva, porém, foi o diorama de Daguerre e Bouton, aberto em 1822 na Rue Sanson, próxima do Boulevard Saint-Martin e depois instalado no Boulevard de Bonne-Nouvelle. Os quadros eram pintados sobre telas transparentes, o que permitiu em 1831 usar vários efeitos de luz²” (BENJAMIN, 2006: 569).

Paisagens sonoras do futebol no centro de Belo Horizonte

A primeira vez que o futebol chamou nossa atenção dentro do espaço do centro de Belo Horizonte foi durante uma deriva de gravação sonora – procedimento de pesquisa de campo adotado pelo Grupo de Pesquisa Cartografias de Sentidos do Centro de Belo Horizonte, que, inspirada nas idéias do grupo Situacionista, envolve a delimitação de um trajeto no espaço do centro para caminhadas nas quais são registradas, em diversos suportes, impressões, fenômenos e situações que se desenrolam no espaço. Na ocasião, saímos da Praça Sete, subindo a Rua Rio de Janeiro, quando cruzamos com um táxi estacionado e com o rádio ligado na transmissão de um jogo amistoso da Seleção Brasileira contra a Alemanha. Durante o caminho, passamos por algumas lojas de eletrodomésticos cujas televisões também exibiam a partida. Curiosamente, no término da caminhada, quando estávamos na Avenida Santos Dumont, voltamos a escutar a mesma partida em um outro rádio, mas na mesma estação.

Em primeiro lugar, podemos perceber a partir dessa paisagem sonora, questões relativas à duração do ritornelo futebolístico, que acaba por produzir um efeito de redução de distâncias entre dois lugares socialmente bastante diversos. Numa caminhada de aproximadamente uma hora, foi possível passar por regiões distintas do espaço do centro, e escutar, justamente naquelas que apresentam características de comércio relativamente opostas, o mesmo ritornelo em dois momentos distintos de sua duração – subindo a Rua Rio de Janeiro a partir da Praça Sete, encontramos um comércio principalmente de vestuário masculino e feminino, com lojas que vendem roupas de ponta de estoque e de grifes famosas, destinado a um público classe média/alta em busca de preços convidativos; na Avenida Santos Dumont, encontramos um

realizado na Universidade Federal de Minas Gerais. O presente trabalho, no entanto, apresenta algumas modificações com relação a este outro, principalmente pela substituição do termo espaço acústico por ritornelo, para designar o evento sonoro situado no espaço, em tempo real.

² Entre eles o que permitia simular a passagem do dia. Cf. BENJAMIN, 2006:571.

comércio bastante popular, que envolve supermercados com baixos preços, lojas de material elétrico, de brinquedos e de produtos para cozinha, como panelas, filtros, etc, além de motéis, cinemas pornográficos e prostíbulos de baixo meretrício.

Se, neste caso, o ritornelo do futebol não consegue efetivamente fundir os dois territórios, os aproxima de maneira bastante íntima, não só pela paixão do brasileiro com relação ao esporte bretão, mas também por sua fonte que não necessariamente estaria fixa nestes logradouros – na Rua Rio de Janeiro, um taxista, na Avenida Santos Dumont, uma barraquinha de Cds piratas. Outro ponto a se destacar é a força mobilizadora e aglutinadora do som com relação à imagem: junto ao taxista e à barraca de camelô outras pessoas se aglomeravam para também escutar a partida. O mesmo não acontecia com relação às telas de televisão que transmitiam, nas lojas, a partida. Neste segundo caso, os transeuntes passavam direto e ninguém parava, nem que fosse para somente observar o placar.

Em outra ocasião, pudemos observar que na mesma Rua Rio de Janeiro, entre a Rua Caetés e a Avenida Santos Dumont, em frente a uma agência dos Correios, encontram-se todas segundas-feiras a tarde, sujeitos ligados a prática do futebol amador de toda a cidade. Neste momento, jogadores, técnicos, responsáveis pelos campos e outros participantes se encontram, ainda no calor dos resultados das partidas do final de semana anterior, para comentar os jogos realizados e marcar as partidas da semana seguinte. Passando do outro lado da rua, vemos somente uma aglomeração de homens. É atravessando a rua que podemos nos aproximar deles e verificar sobre o que conversam. Sua disposição visual nada nos diz dos motivos que os reúnem, apenas a escuta das conversas traz a tona esta possibilidade. Meses mais tarde, encontramos em um armazém árabe, situado do outro lado da rua, um cartaz de divulgação de torneio de futebol de várzea a acontecer no final de semana seguinte. A localização destas discussões e organizações de partidas e torneios nesta região não é mera coincidência: a região é repleta de lojas que vendem artigos e serviços voltados para um público masculino, ou produtos domésticos que os maridos podem rapidamente adquirir, em sua volta para casa, a partir do pedido de suas esposas.

Durante o percurso da pesquisa, pudemos perceber, também, que o futebol não se apresenta somente de maneira pontual no centro de Belo Horizonte, mas que acaba por articular eventos de grande porte, que atraem um grande volume de pessoas. Durante a Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha, foi montado na esplanada da Praça da Estação um grande telão que exibiria ao vivo as transmissões da Rede Globo de Televisão das partidas da Seleção Canarinho. Tal evento repetiu-se em outras capitais do país. No primeiro jogo, contra a Croácia, foi registrada a presença de oito mil pessoas no evento.

Conectadas via satélite ao que acontecia no Berliner Olympiastadion, a população de Belo Horizonte (e provavelmente as de outras capitais nacionais também) reagiam de modo relativamente avesso ao que faz uma torcida: em silêncio durante a partida, para escutar a narração de Galvão Bueno, o público somente grita no momento do único gol do jogo. Co-

presente com a partida, mas gestualmente bastante distante da torcida que efetivamente estava presente no estádio, o público se comportava de uma maneira que seria um possível ponto ótimo para as transmissões televisivas de futebol: ao invés do indefinido mar de vozes ao fundo da televisão, um tenso e compenetrado silêncio, que facilitaria a tarefa de mixagem da narração.

Uma última ocasião em que escutamos uma partida de futebol no centro de Belo Horizonte foi no dia vinte e sete de março do presente ano. Na ocasião, circulávamos pela Rua Carijós, entre a Rua dos Guaranis e Avenida Olegário Maciel, região onde concentram-se lojas de elétrica e eletrônica, que comercializam cabos, conectores e outros produtos e ferramentas ligadas às atividades dos eletricitistas, engenheiro de som, etc. Nesta quinta-feira, excepcionalmente, uma partida entre Cruzeiro e Ituiutaba, por uma rodada adiada do Campeonato Mineiro, foi disputada no período da tarde, no horário das três horas. Era aproximadamente quatro e meia quando chegamos ao local e nos deparamos com uma rua onde era possível escutar em todos os seus pontos, na mesma intensidade (o que conhecemos popularmente como volume), uma única transmissão radiofônica do jogo, que naquele momento já se encontrava próximo de seu final. Isto porque grande parte das lojas, situadas em ambos os lados da rua executavam, de maneira sincrônica, a mesma transmissão radiofônica, gerada por uma estação AM, da partida. Apesar da transmissão, o local não estava ruidoso, e poucos carros passavam pela rua. O resultado foi a constituição de um ambiente tranqüilo e provavelmente muito aconchegante para os torcedores cruzeirenses.

Considerações Finais:

Se não podemos observar a disputa esportiva no centro de Belo Horizonte, várias outras dimensões desta prática podem ser ali encontradas, atribuindo sentidos e usos inusitados a regiões específicas do centro da capital mineira, estabelecendo fronteiras, criando novos espaços, aproximando ruas distintas. O futebol emerge, desta forma como um fluxo que atravessa os territórios constituídos na cidade e os corpos ali presentes, produzindo novos lugares de sociabilidade, que surgem e desaparecem dependendo da duração dos ritornelos produzidos no esporte.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter, *Passagens*, Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

SCHAFER, R. Murray, *A Afinação do Mundo: Uma exploração Pioneira pela história passada e pelo atual estado do mias negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.